



“Violentada”, De Rafael Gallo: Um Corpo Metonímico*

“Violentada”, By Rafael Gallo: A Metonymic Body

Recebido: 07/01/2023 | Aceito: 15/03/2023 | Publicado: 16/03/2023

Maisa Cristina Santos¹

 <https://orcid.org/0000-0002-9357-8172>

 <http://lattes.cnpq.br/9852910662044817>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS, Brasil

E-mail: maisacrisadv@gmail.com

Resumo

A metonímia é uma figura de linguagem, no qual uma palavra ou expressão é usada para se referir a outra que com ela guarde relação. Ao se aplicar o conceito para as relações de gênero, no âmbito feminino há uma tendência em substituir o todo pelas partes sexualizadas que o compõe. Dada a referida configuração, o propósito do presente trabalho é observar como esse processo transcorre no conto “Violentada”, de Rafael Gallo, cujo enredo é o primeiro contato entre uma mulher vítima de estupro, e o noivo, que vê no ocorrido uma perda de seu capital simbólico. Para o homem, o corpo violado, ainda que por força da coerção física, resume-se a coisa usufruída e a usurpação ao seu direito de posse, resultando na necessária extirpação do objeto sem valor. Em conclusão à análise, foi possível estabelecer duas premissas: a do corpo metonímico, tratado pelo noivo como se fragmentado fosse, e o corpo fluido, resposta da mulher a sua desconstrução física e social. Para dar azo ao proposto, foi realizado o levantamento bibliográfico de materiais relacionados ao tema e, posteriormente, produzidos os resumos e os fichamentos tidos como necessários. Ante a visão macrossistêmica do todo, o cruzamento de algumas informações proporcionou o estabelecimento dos tópicos constantes no presente artigo, tendo como mote responder a seguinte problemática: fragmentação do corpo feminino no conto “Violentada” de Rafael Gallo é uma etapa necessária para a erradicação do outro?.

Palavras-chave: Corpo metonímico. Fragmentação. Feminino. Androcentrismo. Erradicação.

Abstract

Metonymy is a figure of speech, in which a word or expression is used to refer to another that is related to it. When applying the concept to gender relations, in the female sphere there is a tendency to replace the whole with the sexualized parts that compose it. Given this configuration, the purpose of the present work is to observe how this process takes place in the short story “Violentada”, by Rafael Gallo, whose plot is the first contact between a woman victim of rape, and her fiancé, who sees in what

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

¹ Graduada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade do Grande ABC e Mestra em Estudos Literários pela UFMS (PPG-Letras/UFMS-CPTL).

happened a loss of its symbolic capital. For man, the violated body, even by virtue of physical coercion, boils down to the thing enjoyed and the usurpation of his right of possession, resulting in the necessary extirpation of the worthless object. In conclusion to the analysis, it was possible to establish two premises: the metonymic body, treated by the groom as if it were fragmented, and the fluid body, the woman's response to her physical and social deconstruction. To give rise to the proposal, a bibliographical survey of materials related to the theme was carried out and, subsequently, the summaries and files considered necessary were produced. In view of the macrosystemic view of the whole, the crossing of some information provided the establishment of the topics contained in this article, having as its motto to answer the following problem: fragmentation of the female body in the short story "Violentada" by Rafael Gallo is a necessary step for the eradication of the other?.

Keywords: Metonymic body. Fragmentation. Feminine. Androcentrism. Eradication.

1. Introdução

Ao longo da história da filosofia, o desejo tem sido um tema recorrente. Não apenas sob a perspectiva da descarga que move e propõe ao sujeito a busca por aquilo que ele considera valioso, mas sobre a ótica do caminho a ser trilhado rumo a conquista. Em suma, o processo constitui-se pela esperança por algo, transforma-se na felicidade momentânea do triunfo e, posteriormente, em insatisfação, levando ao estabelecimento de um novo objeto de desejo.

O tema guarda estreita relação com o conto "Violentada", de Rafael Gallo, no qual a mulher, objeto de desejo do noivo, transmuta de felicidade momentânea para insatisfação intolerável. O processo fundamenta-se na perda do valor simbólico da coisa, pois ainda que pessoa seja, ao ser tratada como parte, fragmenta-se tal qual um objeto.

Por essa razão, abordar o corpo metonímico é ter condições de perceber como a representação sexualizada da mulher, tem no seu fracionamento, uma inferiorização que naturaliza o pensamento androcêntrico. No conto, após a protagonista sofrer uma violência sexual, o narrador onisciente intruso convida o leitor a ter contato com uma psiquê masculina que age como se vítima fosse, dado a usurpação de seu capital simbólico. Na mesma toada da inversão de papéis, a efetiva vítima do crime comporta-se como culpada pelo abuso sexual que sofreu, esperançosa de que o ocorrido não seja fator suficiente para terminar o relacionamento.

No pender da balança, além de física e emocionalmente destruída, o pouco de esperança que a protagonista possui cai por terra ao concluir que seu valor é mensurado pela régua da misoginia. Como gravame, para além de um corpo tido como sem valor, o que importa, no fim das contas, é o nome daquele que ousou violar o patrimônio alheio. O resultado prático do não acolhimento é que a fluidez em curso - dor interna e externa em movimento, num (re)fluxo de retroalimentação – transborda, resultando no torpor de nada ser.

Proceder com análises como a proposta, permite perceber os processos de inversão de papéis, bem como identificá-los em circunstâncias outras, sejam literárias ou não. Nessa vertente, para além de um trabalho acadêmico, a análise do conto é consoante com a observância da literatura enquanto forma de experiência da vida e instrumento imprescindível de humanização.

2. O corpo metonímico

A desumanização é, antes de tudo, um processo, uma concatenação de atos que promovem a desconfiguração do ser em prol do estabelecimento e manutenção de diferenças. A partir do momento em que nem todos podem usufruir dos mesmos direitos, os estamentos encontram-se devidamente constituídos, mais especificamente, por aqueles que usufruem das benesses hegemônicas das classes privilegiadas.

No que concerne ao gênero, para que a divisão seja bem delimitada, o primeiro passo consubstancia-se na fragmentação do outro, ou seja, passa pelo crivo do corpo objetificado. “Tudo o que a gente acha virtuoso é ligado ao espírito, e o que é ruim ao corpo: o sexo, a agressividade. Se você quer oprimir alguém, humilhar alguém, você tem que relacionar essa pessoa ao corpo” (SOUZA, 2022, n.p.). Nesse percurso de destituição dos espaços coletivos, o todo é tratado de forma fracionada, e as diminutas partes paulatinamente esvaem-se em nada.

Esse estado de fragmentação do sujeito fundamenta-se no poder da linguagem socio interacional que comunica a internalização de movimentos externos (MARCUSCHI, 2008), mais especificamente, os axiomas coletivos. Ao se tomar a parte pelo todo o discurso proporciona o esfacelamento da personalidade que coisifica levando a desconfiguração do sujeito coletivo.

O corpo metonímico pode ser conceituado, portanto, como uma etapa intermediária entre a completude e o aniquilamento. Transcorre quando o sujeito é visto e retratado pelas partes que o compõe. É, portanto, uma forma de construção discursiva que caminha lado a lado com a objetificação feminina, ou seja, destitui a mulher de sua essência e suas capacidades intelectuais para tratá-la como coisa. Pernas grossas, seios fartos, cintura finas. Para além de pseudo-elogios, há a constante pressuposição de que se os traços aventados estejam em conformidade com os padrões estéticos de beleza, não há ofensa. Caso contrário, no mais, haveria um direito adquirido à crítica, porquanto cabe ao sujeito feminino ser “feminino”, o que demanda que as partes que a compõem estejam em conformidade com os estratégias sociais.

Em consonância com o conceito ora proposto, “Violentada”, de Rafael Gallo explora como a desconstrução do sujeito feminino passa pelas premissas da dominação masculina. Não menos importante, o conto dá especial destaque para a descartabilidade feminina, justamente quando uma das partes do corpo físico perde seu valor enquanto economia simbólica.

A história aborda um ápice de vida da protagonista sem nome, que carrega o fardo da desconstrução emocional e psicofísica decorrente de um estupro. Noutro lado, seu noivo, representa a essência do pensamento masculino sobre a violação da honra, mais especificamente, se cumpre ao homem permanecer com uma mulher que esteve com outro alguém, ainda que sob coerção física.

Por mais que o contexto de violência sexual retire qualquer possibilidade de prazer, o imaginário androcêntrico reduz a mulher a partes de um corpo tocado, o que resulta na perda da importante virtude masculina da exclusividade na dominação. Sendo o ato sexual uma forma de poder, a violência perpetrada por outro sujeito viril contra o objeto de subjugação, faz despontar no homem o sentimento de perda da honra. Em caráter exemplificativo, são algumas das falas do personagem que corroboram com a premissa aventada:

Algo nele também havia sido ferido, também estava sofrendo. [...] O corpo dela era dele: sua casa. Sua casa invadida, atacada roubada. O roubo impossível de ser ressarcido. Um homem sente diferente de uma mulher. Ele também fora atirado a outro lugar, também estava perdido, machucado; e ela, entranhada na ferida dele, se debatia, clamando por socorro. (GALLO, 2012, 67).

O trecho em testilha evidencia a dor do ego ferido, e faz com que o personagem passe a se perguntar se a vida em comum não valia mais do que “outro macho de sua espécie em sua fêmea” (GALLO, 2012, p. 68). Veja-se que o termo “espécie” traz a lume não um coletivo biológico, mas moral, em que a mulher, sendo medida por sua reputação e castidade, incorpora esses atributos (positivados ou negativados) ao capital simbólico masculino (BOURDIEU, 2002).

Ademais, o personagem em momento algum cita o nome de sua noiva, trocando-o, nesse trecho, por fêmea. Fora a animalização patente, a ausência do nome, atributo da personalidade, faz com que o presente conto simbolize as várias histórias não escritas após o ponto final dos noticiários. Nos meios de comunicação de massa, nomes são abreviados, imagens são borradas e vozes distorcidas, dando palco a tragédia como um fim em si mesmo. O conto, por seu turno, humaniza o leitor ao expor a desumanização de um corpo metonímico, cujo termo fêmea externaliza a identificação da mulher pelo sexual, ou seja, um corpo fracionado em partes sexualizadas.

De mais a mais, a ponderação do noivo traz a lume a balança social masculina, cujos valores voltam-se a observância da misoginia, de tal forma naturalizada, que a irreflexão é uma constante. O dever moral masculino de garantir a honra transcende a ponderação entre o bem e o mal a ser perpetrado, o que é magistralmente elucidado por Hanna Arendt:

A primeira indicação de que Eichmann tinha uma vaga noção de que havia mais coisas envolvidas nessa história toda do que a questão do soldado que cumpre ordens claramente criminosas em natureza e intenção apareceu no interrogatório da polícia, quando ele declarou, de repente, com grande ênfase, que tinha vivido toda a sua vida de acordo com os princípios morais de Kant, e particularmente segundo a definição kantiana de dever. Isso era aparentemente ultrajante, e também incompreensível, uma vez que a filosofia moral de Kant está intimamente ligada à faculdade de juízo do homem, o que elimina a obediência cega. (ARENDR, 199, p. 153).

No excerto é possível perceber que, a desvalorização ao pensamento crítico – justamente o que coloca em xeque estratégias tidos como verdades absolutas – conduz a comportamentos desumanizadores coletivamente e temporalmente tidos como razoáveis. Ciente do pender da balança em favor da honra masculina, à protagonista resta apenas debater-se na ferida narcísica de seu noivo, provocada pelo estupro que sofreu. Invertem-se os papéis, porque frente ao ocorrido, ele tornou-se a vítima arrebatada pela perda exclusiva da posse, do “roubo impossível de ser ressarcido” (GALLO, 2012, p. 67). É uma tomada de consciência que resultam nas perguntas e pedidos de desculpas da protagonista:

- Eu não queria que isso tivesse acontecido. [...]
- Você pode me perdoar? [...]
- Você ainda é capaz de me amar? [...]
- E você acha que... – ela se desfazia ainda mais em lágrimas ao repetir a pergunta - ...que a gente ainda vai se casar? (GALLO, 2012, p. 66)

A resposta dada pelo personagem é: “não tem o que perdoar” (GALLO, 2012, p. 66). Poder-se-ia pensar que não há fatos que mereçam qualquer tipo de desculpa, dado a natureza do ocorrido. Contudo, o contexto proporciona um sentido segundo a oração: quando não se tem o que perdoar, fala-se, na verdade, daquilo que é imperdoável. A interpretação encontra-se na parte submersa do Iceberg, teoria de Ernest Hemingway:

Algumas coisas eu descobri ser verdade. Se você deixar de fora coisas ou eventos importantes que você conhece, a história se fortalece. Se você deixar ou pular algo porque não o conhece, a história será inútil. O teste de qualquer história é quão bom é o material que você, e não seus editores, omite. (HEMINGWAY, 1989, n.p., tradução da autora)²

A parte exposta do *Iceberg* relaciona-se com o cuidado explicitamente mencionado pelo noivo em detê-la, sem estilhá-la (GALLO, 2012). Em contraponto, o subconsciente do personagem é exposto pelo narrador onisciente intruso, que deixa claro que ela não poderia ter sido estuprada para que o relacionamento tivesse alguma chance de prosperar. Por esse motivo, o ocorrido é antes de tudo imperdoável, o que a reduz a “destroços de uma mulher” (GALLO, 2012, p. 67).

O caminhar rumo a erradicação tem seu ápice quando o metonímico (braços, pernas, genital e tudo o que lhe configura) descortina que a destruição da pessoa/coisa seria menos dolorosa. Como consequência, era preciso livrar-se daquele todo disforme, movimento típico a atual sociedade líquida, em que os relacionamentos cedem lugar às conexões que podem ser facilmente desligadas (BAUMAN, 2004).

Com o deslinde das reflexões, é possível perceber que o narrador onisciente já sabia, desde o começo, o desenlace daquela situação, pois o capital simbólico masculino do estupro era um fardo pesado demais para ser carregado. A linha de raciocínio ao longo do conto, apenas elucida os motivos que o levam a isso, expondo assim os valores androcêntricos em processo de concatenação.

O arremate é a procura pelo responsável: “você conhecia o cara que...?” (GALLO, 2012, p. 71). Conquanto a noiva não tenha um nome para ser verbalizado, para o noivo é um direito a ser usufruído: quem seria o sujeito que ousou violar o direito de posse? Ao perceber o que estava em jogo, novamente ela é violentada, mas naquilo que o estupro não poderia tocar. Enquanto coisa, percebeu que deveria ser erradicada, e que em face dos valores masculinos socialmente compartilhados, sua eliminação não era algo imoral, transcendendo toda e qualquer história afetiva anterior. Sobre o poder-dever de incutir a dor, são as palavras de Zigmund Bauman:

² A few things I have found to be true. If you leave out important things or events that you know about, the story is strengthened. If you leave or skip something because you do not know it, the story will be worthless. The test of any story is how very good the stuff is that you, not your editors, omit.

O que se pode recolher da defesa de Eichmann (a qual seria repetida, em incontáveis variantes, por incontáveis perpetradores de incontáveis atos caracteristicamente modernos de ‘assassinato categorial’) é o que o ódio e o desejo de fazer a vítima desaparecer da face do planeta não são condições necessárias para um assassinato – e se algumas pessoas sofrerem em decorrência do fato de outras cumprirem seus deveres, a acusação imoralidade, portanto, não se aplica. (BAUMANN, 2008, p. 82).

No trecho em apreço, dois pontos merecem destaque. O primeiro é o de que o desejo de eliminação do outro é insuficiente para sua concretização, demandando assim uma ação positiva para tanto. Desejando evitar maiores contratempos, é o que se pode perceber no final do conto quando a protagonista pede para que o noivo destrave a porta do carro e ele, convenientemente, assim o faz: “Não, espera... – ele disse enquanto destravava o carro” (GALLO, 2012, p. 71).

Noutro vértice, a justificativa para o comportamento do noivo lastreia-se no dever moral que o assiste, qual seja, o de não carregar o capital simbólico negativo da propriedade violada. Seu direito, enquanto homem, o autoriza a erradicar do outro, ainda que envolva dor e sofrimento, de modo que ao final, cumpre apenas o cuidado com a impressão imediata, para que não demonstre o que de fato é, um hipócrita.

3. (Re)fluxo

Fluir é correr em estado líquido (FLUIR, 2022), é transpor barreiras, imiscuir-se nos espaços. O processo de correlação da vida com a fluidez da água, realiza-se de forma muito clara no conto de Rafael Gallo: no interregno pós estupro, mas antes da violência do abandono masculino. Na captura desse instante, o leitor se defronta com uma mulher de tibia solidez em processo interno de liquefação, rumo ao transbordamento de si mesma. A mudança constitutiva de viés metafórico advém da somatória da violência sexual com o não acolhimento de seu parceiro, que vê no estupro uma afronta aos seus valores.

Pensar em um corpo liquefeito é dar continuidade a premissa do metonímico, porquanto o fracionamento do corpo é a forma como os axiomas masculinos reverberam sobre o feminino. A transmutação metafórica para a forma líquida, por sua vez, é como o feminino reage a sua desconstrução físico-social, isto é, como responde aos efeitos da modernidade e dos amores líquidos. “A modernidade líquida, assim, é tempo do desapego, provisoriedade e do processo de individualização; tempo de liberdade ao mesmo tempo em que é o da mudança” (TFOUNI; SILVA, 2008, n.p.).

Diferentemente do que ocorre com o corpo metonímico, cuja segmentação ocorre desde o estupro, a metáfora da liquefação é um processo que pode concretizar-se ou não, o que depende do acolhimento pós violência. No caso do conto, o desamparo faz com que a dor interna e externa se misturem, transformando-se em fluxo que transborda e a leva a fluir para fora do relacionamento, concluindo o ciclo de descartabilidade dos amores líquidos.

Por esse motivo, ainda que nos momentos iniciais do conto haja referência a água ou a protagonista estar diluída, trata-se ainda de um processo interno, pois seu corpo, como mencionado, está em um processo de troca de pele (GALLO, 2012). É possível ainda, pensar na presença da água nesse momento inicial do conto como uma prolepse que antecipa uma possível corrente que pode, ou não, vir a eclodir, destruindo esse invólucro frágil, em descamação. Sobre a presença da água, destacam-se os seguintes trechos para reflexão:

[...] estava encharcada, porém muito mais devastada do que ele: completamente diluída. [...] O nariz escorria, a pele suada escorria, tudo se derramava sobre seus lábios. Sem intenção, em meio a suspiros, ela sorvia de volta um pouco da dor vertida, um pouco de si que se esvaia. Pode alguém retroalimentar-se de si mesmo? (GALLO, 2012, p. 63-64).

A relevância da primeira oração, reside na comparação da água com a dor. Veja-se que o noivo estava devastado, mas o estado de destruição da protagonista era tal, que ela estava diluída. Ainda que externamente fosse um corpo trocando de pele, internamente era fluida, dor em circulação. No segundo trecho, há um contexto espacial em diálogo, qual seja, a chuva que os personagens tomaram no caminho entre a delegacia e o carro estacionado. Ante a água que escorria para a boca da protagonista, ele se questiona sobre a possibilidade de alguém retroalimentar-se de si mesmo.

Por meio da pergunta é possível pressupor a existência de um fluxo externo (dor do estupro) que estava em contato com o interno (dor em movimento), podendo assim a boca significar um ponto de intersecção entre a dor do corpo físico violado com a dor da essência desconstruída. A retroalimentação é um fluxo e um refluxo concomitante, e em um estupro, a dor do corpo e da alma dialogam em uma constante de autodestruição.

[Boca] Abertura por onde passam o sopro, a palavra e o alimento, a boca é o símbolo da força criadora e, muito particularmente, da insuflação da alma [...] Assim, ela é o ponto de partida ou convergência de duas direções; simboliza, a origem das oposições, dos contrários e das ambiguidades (CHEVALIER, GHEERBRANT, 2020, p. 183).

O diálogo de ambos começa quando o carro está estacionado em frente a casa dela, e a primeira oração é proferida: “E agora?” (GALLO, 2012, p. 65), pois até então, tudo o que se sabia provinha do narrador onisciente intruso. Por essa razão, a resposta dele, de que ainda vai amá-la, vai de encontro com sua linha de raciocínio anteriormente exposta: “Era dar início a algo que não deveria ser iniciado ainda, ou encerrar alguma outra coisa que não deveria ser encerrada ainda” (GALLO, 2012, p. 63).

Em sequência, o desejo de postergar o fim aparece novamente por meio do narrador: “Não havia como evitar por muito tempo: precisava detê-la pelo menos um pouco, porém sem estilhaçá-la – isso apenas causaria mais estragos aos dois”. Isso porque ele, já “não enxergava quase mais nada nela” (GALLO, 2012, p. 66-67), razão pela qual revelou seu íntimo de homem com ego ferido, vez que lembraria a todo momento (de outro macho da mesma espécie em sua fêmea).

O corpo usufruído era insuportável (GALLO, 2012, p. 70). Sua fragilidade de homem usurpado da economia simbólica era tal, que apenas pensava no outro zombando eternamente do objeto perdido. Após o absurdo de pressupor que a noiva conhecia o algoz, frise-se, não dela, mas dele, ocorre o transbordamento. O noivo, manifesta seu desejo de que ela não vá embora, que não saia do carro, mas Pedro, é aquele que detém a posse da chave para que a porta seja aberta e ela flua, sem maiores obstáculos.

4. Conclusão

Um dos argumentos voltados ao convencimento do leitor em um texto dissertativo é a apresentação de dados que corroborem com a tese suscitada. Trata-se da forma por meio do qual, as informações sob contraste fazem daquilo que está sendo discutido algo que merece maior atenção. Nesse sentido caminham os vários materiais estatísticos relacionados à violência de gênero, cuja quantificação do número de mulheres que sofre algum tipo de violência está sempre relacionado aos minutos do relógio.

Mulheres sempre foram vítimas do tempo. Um olhar rápido para trás permite notar que o Brasil conta avanços ainda muito insipientes quanto aos direitos de gênero. Não faz nem cem anos que as mulheres conseguiram o direito de participar do processo político-democrático do país, assinar documentos sem a presença do marido e ter seus direitos sexuais resguardados, sem o julgamento subjetivo de um homem, quanto a serem ou não mulheres honestas³.

“Violentada”, de Rafael Gallo, não tem como objetivo o convencimento, logo, não constroem-se linhas argumentativas que voltem-se a ratificação de um determinado ponto de vista. Trata-se de um conto, breve, com apenas dois personagens, cujo pano de fundo é o momento posterior ao estupro. Mais especificamente, apresenta um primeiro instante de conversa com o outro com quem a mulher mantém relações sexuais consentidas.

Por se tratar de uma relação de afeto, a pressuposição inicial é a de acolhimento, expectativa essa frustrada por uma inversão de papéis, no qual o homem passa a se ver como vítima da violação a sua posse. Dada a força centrífuga dos estratagemas androcêntricos, a preponderância daquilo que foi perdido pelo homem é superior a violência sexual sofrida, aspecto esse percebido pela mulher, que passa a questionar se o amor ainda existe e seria suficientemente forte para superar o ocorrido.

São dois processos concomitantemente em curso: a erradicação da mulher pelo noivo - finalização do ciclo de fragmentação do corpo metonímico; e o transbordamento, movimento de (re)fluxo da dor interna com a externa. O primeiro tópico apresentado, teve como foco o comportamento masculino de fragmentação do corpo em partes sexualizadas como meio para a desumanização do feminino. No caso do conto, o processo desemboca na erradicação, pois a desvalorização do órgão genital afeta a honra masculina de tal monta que nada mais resta senão o descarte do outro.

O tópico subsequente é uma consequência do primeiro, vez que o processo de erradicação parte da inobservância ao processo de dor em curso, metaforizado no conto por meio do elemento água. Como há um intercâmbio entre a dor externa do corpo violado com a interna, a torrente eclode resultando no torpor que configura a descartabilidade dos amores líquidos.

A relevância da análise proposta consubstancia-se na percepção dos processos de naturalização do absurdo, onde cada passo adiante torna o anterior um evento corriqueiro. A urgência na significação do androcentrismo nos contextos de violência de gênero constitui-se, deste feita, como uma forma de conhecer seu percurso e propor meios de ressignificação os axiomas que envolvem o feminino.

³ Art. 216 – Induzir mulher honesta, mediante fraude, a praticar ou permitir que com ela se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal. (Revogado pela Lei 12.015/2009).

Referências

ARENDDT, Hanna. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. 17 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zigmund. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Zigmund. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 34 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

GALLO, Rafael. **Réveillon e outros dias**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SOUZA, Jessé. **Paulista se acha melhor que o resto do Brasil por herança europeia e passado bandeirante, diz sociólogo**. [entrevista concedida a] Letícia Mori, BBC News Brasil, São Paulo, 16 jul. 2022.

HEMINGWAY, Ernest. **The art of the short story**. The Paris Review. N. 79, 1981. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/letters-essays/3267/the-art-of-the-short-story-ernest-hemingway>. Acessado em: 12 out 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; SILVA, Nilce da. **A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma**. Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 171-194, mar. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2022.